



**QUASE
DOIS
CENTÍMETROS**

FERNANDA CALEFFI BARBETTA

Tum, a porta acerta o armário, o barulho é de trovão.

Desperto em um impulso que me senta na cama, “o que foi?”, pergunto ao vulto iluminado pela claridade do outro quarto. Bato a mão no interruptor ao lado da cabeceira, a luz confirma o pai, em pé, na soleira da porta, os olhos de boi, a boca quadrada, “ela foi embora, filho, sua mãe foi embora”.

Talvez seja pesadelo.

Meu ou dele?

“Como assim, pai?”, sussurro rouco, e ele se aproxima, senta na beira da cama — tão na beira que tenho a impressão de que vai escorregar para o chão. Coloca os olhos de boi em mim, “ela não tá no quarto, não tem nenhuma roupa dela no armário”, balança a cabeça, a testa enrugada, “e agora, filho?”.

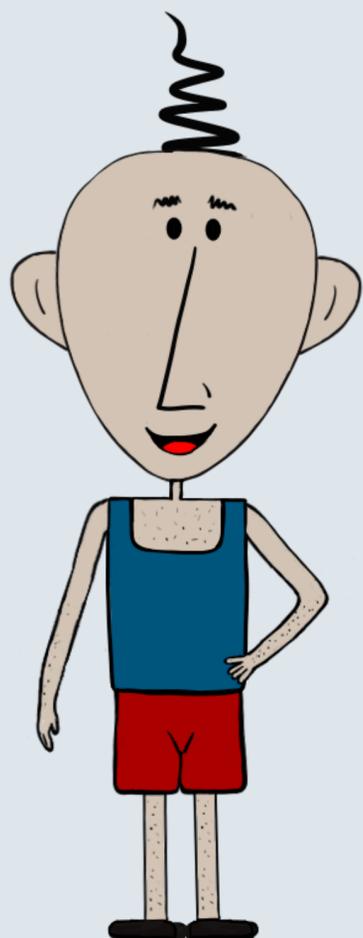
Não sei se é triste ou engraçado.

O Túlio, sentado na ponta da cama, também tem olhos de boi, mas a cara é de riso. Ele decidiu que é engraçado.

“O senhor sonhou, pai, a mãe não mora com a gente, lembra?”, o trato feito criança, ele age feito uma. Abaixa mais a cabeça, abre e fecha a boca, um fio de baba vai de um lábio a outro; não sai som da boca quadrada, mas ele está dizendo alguma coisa.

Túlio faz cara de nojo, me oferece um lençinho e sua risada de morcego.

Oi, eu sou o Túlio, inimigo imaginário do Júnior, que é o cara que conta essa história. Apareço sempre em sua cama, na melhor das intenções, para dar conselhos gratuitos e inteligentes, que nem sempre são bem aproveitados.



Júnior tem um irmão gêmeo, Igor, um engenheiro bem sucedido, que mora no exterior, tem porte atlético e é casado com a primeira namorada de Júnio, Marina. Apesar de parecer que Igor leva vantagem em tudo, vale citar que Júnio é **quase dois centímetros** mais alto do que ele. Mas quem é que está contando?

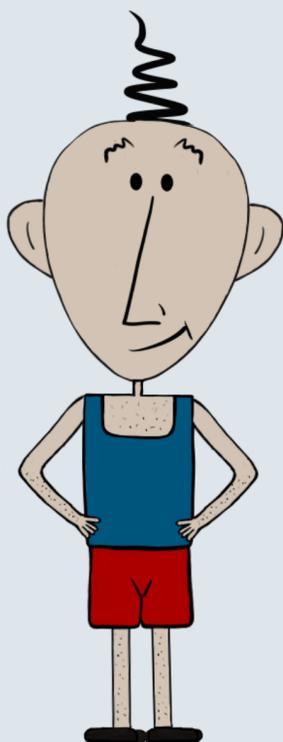
Em algumas lembranças de Júnio, é possível ver a relação dos dois, desde a infância.

“Era nosso aniversário de nove anos, eu estava brincando na garagem com o Falcon que tinha ganhado dos nossos pais. Igor apareceu. Da porta da sala, convidou, “vamos brincar?”, e estranhei porque ele tinha dito que boneco era coisa de menina. Quando me virei, ele tinha uma sacola de mercado encaixada no braço esquerdo e, na mão direita, um ovo, que arremessou em mim antes que eu pudesse pensar em me defender. Mesmo depois de ter pensado em me defender dos outros onze, não consegui também. Tentava fugir, me agachar, me esconder, mas ele acertou a dúzia inteira em mim, um por um, com uma gargalhada de porco ensandecido. A mãe ficou mesmo muito furiosa, principalmente comigo. “O Igor sujou a garagem, mas foi você quem sujou a sala, o corredor, o quarto e o banheiro quando entrou pra tomar banho”, foi assim que ela justificou eu ter ganhado mais cascudos.”



Além de aparecer na ponta da cama de Júnio, eu me tornei o personagem principal de suas tirinhas de cartunista frustrado.

Ganhei até um irmão gêmeo também, o Crúlio.



Volto com o carro. Abro a porta, o vira-lata desce meio ressabiado, aponta o focinho para o chão e sai cheirando tudo. Chega no vaso de pimenta do pai, levanta a perninha e faz um xixi longo. Não é um bom sinal. Entro na sala e o deixo na garagem, não quero que entre sem ser anunciado.

O pai, sentado no sofá, não faz a pergunta tradicional, “chegou?”, para a qual hoje eu responderia “chegamos”, vai logo contando que o almoço foi ótimo, que o Igor ainda entrou um pouquinho para me esperar, mas precisou ir buscar a Marina.

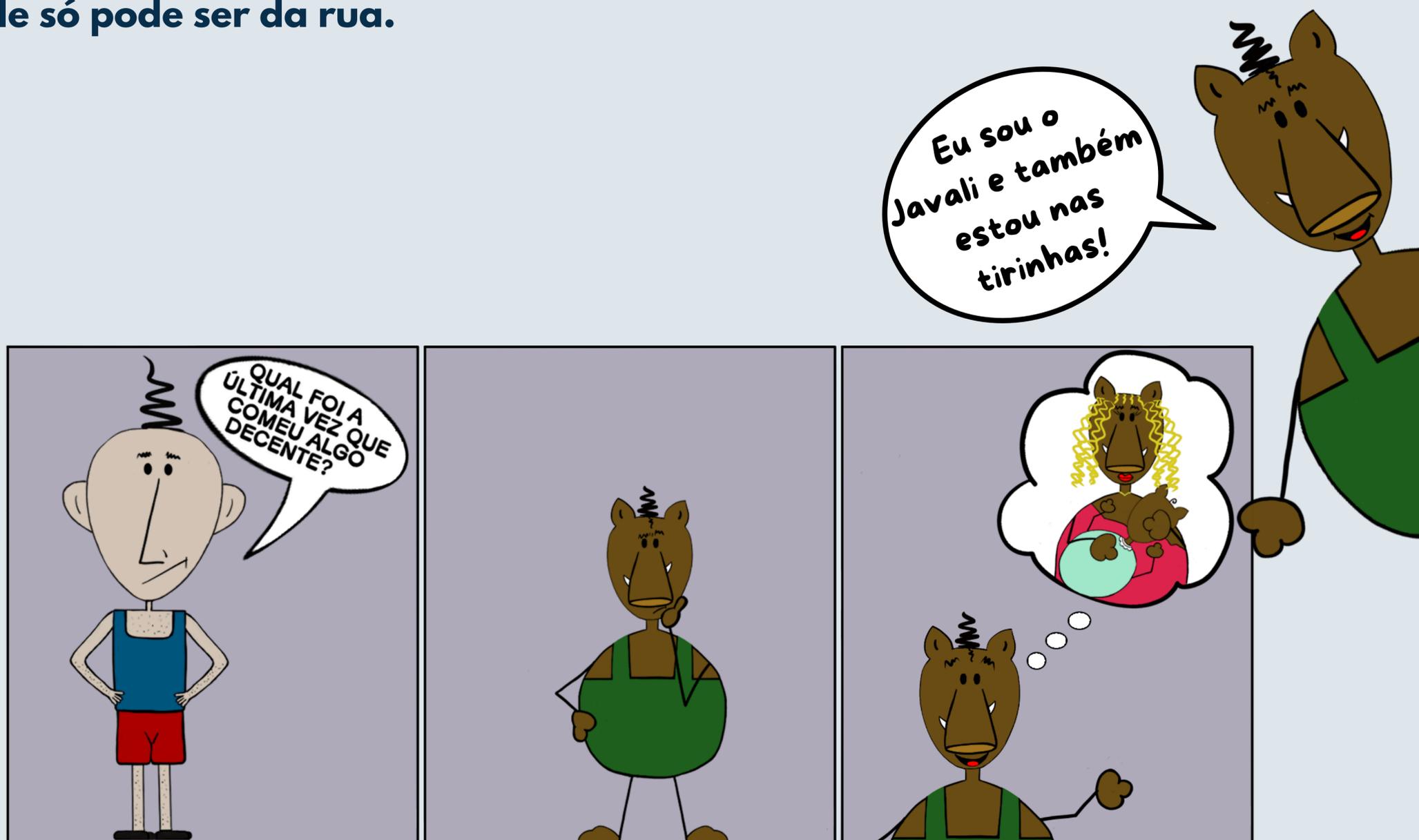
O cão raspa a pata na porta e late, o pai não ouve, continua falando sobre o que não me interessa.

“Tenho uma surpresa”, anuncio sem alarde, e ele se espanta, “alguma coisa com o carro?”, se ajeita mais para a ponta do assento.

Abro a porta, o vira-lata logo aceita o convite para entrar, se raspa na minha perna feito um gato, e vai até o meio da sala, onde o pai o recebe atordoadado, “um cachorro?”, sua cara de susto é de quem viu um javali.

“É meu, adotei”, “adotou?, como assim, adotou?”, se esquiva do cão, que o alcança e começa a cheirar seus pés e suas pernas. “Mas você vai ficar com ele?”, a expressão enrugada, as palmas das mãos para cima, talvez esteja realmente vendo um javali.

“Lógico que vou, por que não?”, passo a mão na barriga do cachorro-barata, e o pai olha, abismado, “mas ele pode ser de alguém”. Não, pai, ele só pode ser da rua.



Na festa de despedida de Igor e Marina...

Onde será que está a Marina? Dou uma geral no espaço, não a vejo. O Igor eu encontro fácil, está logo ali, em pé, o cabelo bom meio displicente, a roupa bem alinhada, como diria o pai, os muques salientes na camisa. Gesticula, sorri, gargalha. As pessoas riem também, tocam nele, dão tapinhas leves nas suas costas. Ele é bom em contar piada. Eu nunca soube contar piada.

A tequila chega. Dou um gole. Tenho vontade de chegar ali na rodinha, pedir licença e dizer “o Igor fala bem, é bem articulado, mas sempre ficou de recuperação em língua portuguesa, falava menas, sombrancelha e degrais”.

Viro o restinho da tequila e peço mais uma.

Vou subir no palco e anunciar que ele tem chulé, contar que quando dormíamos no mesmo quarto o tênis dele tinha que ficar no corredor porque dava até ânsia de vômito; dizer que ele maltratava cachorro, brigava na escola e sempre foi linguarudo.

Talvez eu esteja com ânsia agora.

A segunda tequila chega, ao mesmo tempo chega Marina, “sozinho aí?”, coloca a mão quente/reconfortante no meu ombro. Estou sempre só. “Cansado”, faço cara de ursinho de pelúcia com bafo de uísque com tequila. Fecho a boca para ela não sentir.

“Ficamos felizes que você veio”, fala no plural. Não sei por que fala por ela e pelo Igor, não sei por que mente pelos dois. Mexe a mão que está no meu ombro, como se me alisasse, o ursinho de pelúcia vai ficando excitado.

Seu vestido é de um azul mais forte do que o da minha camisa, fica linda de azul. “Por que não vai lá com os meninos?”, pergunta, a voz doce/carinhosa. Meninos? Será que digo que é porque eles são meninos malvados que não gostam de mim e me fazem sofrer? Vou parecer mesmo um menininho.

Seus brincos pendentes balançam quando ela pergunta, “bebendo o quê?”. Olho para o copinho com líquido transparente, queria dizer “uma dose dupla de uísque bom”, mas ela chegou tarde. “Tequila, quer que eu peça uma pra você?”, ofereço, como se eu fosse pagar alguma coisa.



Episódios de sonambulismo e sintomas relatados em uma consulta médica levam Júnior a questionar o que está acontecendo com seu pai. Seria uma doença grave, fingimento ou apenas um homem sugestionado recebendo sugestões?



Quando estou no final da quarta revista *Veja*, que só folheei e não li, a moça de branco aparece, chama **Geraldo Silveira**. Ela nos guia até o consultório, onde o doutor **Savério** nos recebe com a cara de sapo e o braço esticado. Aperta a mão do pai, depois a minha, de leve, com as pontas dos dedos, como se a mão fosse grande demais.

Pede que nos sentemos. Com a voz mansa e olhos nos olhos, revira o pai com interesse de amigo novo, quer saber da família, formação, gostos, hobbies, hábitos, infância, “já faz tanto tempo”, o pai brinca, mais amolecido.

Quando a conversa parece se encaminhar para o que realmente viemos fazer aqui, o pai se ajeita na cadeira, fala grave, quase gagueja quando relata dores de cabeça, “às vezes na cabeça inteira, às vezes mais no topo, às vezes mais embaixo”, apalpa a nuca com as pontas dos dedos.

Normal, isso todo mundo tem, “eu tenho muita dor de cabeça”, digo, mesmo que ninguém esteja interessado. A consulta não é minha, por isso o médico mantém os olhos no paciente, “mais alguma coisa?”, incentiva, e o velho titubeia antes de relatar “tontura”.

Estranho. Tontura sem motivo não parece normal. Eu não tenho tontura.

O doutor-sapo quer confirmar, muito atencioso, coloca os olhos mais firmes no pai e a caneta novamente no bloquinho, “tontura?, explique melhor”. E o pai explica do seu jeito vago/dramático, “de vez em quando tudo balança”, e já emenda um terceiro sintoma, “náusea, às vezes sinto uma náusea danada”.

“Náusea danada?”, pergunto, me virando para ele, que agora está encurvado feito um menino-velho prestes a morrer.

O sapo me interrompe, quer detalhes, quando começaram, a frequência, como são exatamente essas dores, essa tontura, se a náusea leva ao vômito; e toma nota de todas as respostas confusas que o pai vai entregando.

Sinto que preciso interrompê-lo antes que se documente e sacramente esse exagero. Viro para o pai e falo um tom abaixo, como se fosse um segredo que o doutor está convidado a ouvir, “pai, o senhor tem certeza?”.



**Quarta-feira, 29 de março de 2000
11h22**

O painel chama a senha 64B, que traz ao balcão — exatamente ao meu pedaço de balcão — a Priscila.

Vem sorrindo, balança os cachos, mais linda agora que estou sóbrio e ela de tênis. É a primeira a falar, e embora sorria, é uma cobrança, “por que não me ligou?”

Será que digo que o número borrou no antebraço e ficou ilegível?

Ela exhibe o papelzinho quadrado, “precisa de senha pra falar com você?”. Fico lendo o 64B em preto, “eu ia ligar, vou ligar”, me atrapalho entre a desculpa e a promessa. Ela sorri comprido.

Dentre todas as coisas inteligentes e interessantes que eu poderia dizer, resolvo perguntar se ela precisa de alguma coisa, espicho os olhos para a senha. Ela balança a cabeça e me devolve um sorriso curto. Deve ter confirmado que sou um imbecil e se arrependido de ter vindo.

Talvez peça para abrir uma firma e diga que nosso encontro foi coincidência.

“Preciso sim, preciso comer, tô com fome”, diz, marota/linda/faminta, amassa a senha e empurra para mim. “Saio em dez minutos”, prometo, adiantando meu almoço em meia hora. Ela encara meus olhos mais amendoados e avisa que me espera lá fora, aponta a rua.

Passo os dez minutos com medo de que ela não esteja lá fora quando eu sair. Ou de que ela esteja.

Saio, e ela está. Ela, seu sorriso, seus cachos e seus tênis velhos confortáveis.

Estes foram apenas alguns recortes para que possa conhecer um pouquinho desta história e de seus personagens. Tem ainda a mãe dos gêmeos, que tem lá a sua preferência (você deve imaginar), tem um pombo que quebra a asa e fica enfaixado até o final da trama. Tem segredos, fofocas e traição, como acontece nas melhores famílias... e nas piores também.



Formada em Comunicação Social - Jornalismo e pós-graduada em Comunicação Jornalística, **Fernanda Caleffi Barbetta** publicou seis livros. O último, $1+1=2$ $2-1=0$, venceu o Prêmio CEPE de Literatura 2022, categoria romance, e foi lançado pela Companhia Editora Pernambuco, em 2023. Seu livro de microcontos Iceberg integrou a Coleção III do Mulherio das Letras, editora Venas Abiertas/2021. Participou de alguns cursos e oficinas, entre eles o Curso de Extensão em Criação Literária – Luiz Antônio de Assis Brasil – PUC-RS (2023) e Soltando a Língua - Oficina de Escrita Literária, Marcelino Freire (fevereiro a maio/2022). Integra o Coletivo As Contistas e mantém o site Entre Versos e Prosas (www.entreversoseprosas.com.br).